



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à imprensa brasileira e estrangeira, durante viagem a Seul para encontro do G-20

Seul-Coreia do Sul, 11 de novembro de 2010

Agora eu vou dar o resumo, eu vou dar o resumo da síntese do Guido Mantega. Não, não, deixa só, antes de vocês perguntarem, é o seguinte. O que é importante ter claro é o seguinte... E aí, Guido, eu acho que na próxima reunião dos ministros da Fazenda do G-20 é importante que se faça um levantamento para a gente saber o que cada país fez desde a primeira reunião do G-20 até agora, para a gente acompanhar de perto se os países estão cumprindo com um certo ritual para a retomada do desenvolvimento e do crescimento econômico, porque há uma contradição visível nos membros do G-20. De um lado, você tem os países emergentes, dos quais faz parte o Brasil, que tomou medidas rápidas para que a gente pudesse retomar os investimentos, aumentar o consumo da população e, conseqüentemente, aumentar a produção do país, e o resultado foi instantâneo. Nós tivemos que fazer crédito, nós tivemos que pedir para o povo consumir, a indústria produziu, e nós então voltamos... Isso aconteceu com todos os países emergentes. Agora, ao contrário, os países ricos, que têm uma margem de manobra de consumo menor do que os países emergentes, pelo contrário, eles fizeram uma contenção no consumo. Ora, se os países mais ricos não estão consumindo a contento e todos querem lastrear a sua economia nas exportações, o mundo vai à falência porque é preciso ter alguém para comprar. Se todo mundo só quiser vender, como é que vai ficar o Ceará? Alguém precisa comprar.

Então, o que nos preocupa é exatamente isso. A China precisa aumentar o seu consumo interno. Os Estados Unidos têm uma posição de contradição entre a necessidade de o povo consumir mais para ajudar no



comércio mundial e a visão do governo de que o povo americano não vai voltar a consumir, se endividando como fazia antigamente. Portanto, há uma contradição visível, ou seja, se trabalha para que o povo americano não consuma, além do que, há um processo de desconfiança da sociedade americana no tipo de endividamento que eles fizeram, que levou à crise do *subprime*. E a Europa, em que nós temos também contradições, ou seja, muitos países europeus não estão consumindo, não estão aumentando o consumo, não estão incentivando o consumo, conseqüentemente todo mundo quer ganhar mais fazendo mais exportações, e não é possível porque o mundo emergente não consegue suportar ser responsável pelo aumento da produção e, ao mesmo tempo, ser responsável pelo aumento do consumo.

Então, é preciso partilhar essas decisões para que, num mundo globalizado e cada vez mais interdependente, a gente não permita que um país, de forma unilateral, tome posições sem antes discutir os reflexos daquela decisão na economia de outros países. Porque se cada um for pensar só em si, eu temo que nós voltaremos à velha política do protecionismo, que não ajudou, em nenhum momento, nenhum país.

Então, eu acho que é isso que nós vamos ter que discutir com muita reflexão, com muito embate. E, no fundo, no fundo, depois do debate político, isso precisa se transformar num debate técnico entre os nossos economistas, entre os nossos ministros, entre os nossos técnicos, porque isso tem que ser costurado até a próxima reunião do G-20.

Então, esta reunião de hoje eu acho muito importante porque é uma reunião em que a gente vai forçar uma reflexão sobre o que está acontecendo, sobre o que precisa acontecer, o que cada um tem que fazer.

O correto seria que cada presidente começasse a reunião mostrando o mapa do seu país – como é que estão os investimentos, como é que está o desemprego, como é que está a geração de empregos, como é que está o consumo, como é que estão as exportações, como é que estão as importações



– para que a gente tivesse um quadro real de cada país.

Então, eu acho, viu, Guido, que essa é uma tarefa importante para que as equipes econômicas dos países que compõem o G-20 trabalhem, para que possa facilitar a tomada de decisões futuras.

Dito isso, num resumo “bem” resumido, abre-se a palavra aos jornalistas.

_____ : Primeira pergunta...

Jornalista: (incompreensível), de São Paulo.

_____ : É, gente, mas está desligado aqui.

Presidente: (incompreensível).

_____ : Imagine no próximo governo.

Jornalista: Presidente, a razão do sucesso do G-20, o Guido resumiu apertadamente, tem sido a capacidade de coordenação e a capacidade de respostas conjuntas. Agora, no entanto, para esta reunião, chega-se numa situação em que o senhor, amavelmente, chamou de contradições visíveis entre os diferentes países. Essas contradições, as críticas que têm sido feitas aos diferentes países-membros não abalam essa unidade, não podem afetar a credibilidade do G-20? Aparentemente, você mesmo está, de certa maneira, “jogando a toalha” ao dizer que tem que... (incompreensível) debate político é agora, o debate técnico para a próxima reunião do G-20? Não há... não está havendo um desgaste da unidade?

Presidente: Não, não. Pelo contrário, pelo contrário. É que numa reunião de



presidentes da República você não vai decidir sobre coisas técnicas, você discute sobre as linhas gerais. E tampouco a gente tem que ter medo de vir para uma reunião em que há divergências entre os participantes. Nós tivemos divergências desde o primeiro dia em que viemos numa reunião no G-20. Nós não fomos culpados pela crise, fomos vítimas de uma crise causada pelos países ricos, e nós não nos recusamos a vir debater aqui. Algumas coisas que foram sugestões consensuadas já estão em vigor. Portanto, veja, cada divergência que a gente descobrir, nós temos que colocá-la na mesa para que a gente possa consertar. Obviamente que todo mundo sabe o peso da economia americana, todo mundo sabe o peso da economia chinesa. Ora, se nós não tivermos condições de discutir o reflexo das posições de cada país no resultado da economia, então para que reunião? É exatamente para dizer o seguinte... Quando o Guido fez a denúncia, poucos meses atrás, de que existe uma guerra cambial no mundo hoje, ele apenas constatou o óbvio, ele afirmou o óbvio. A economia americana está desvalorizando o dólar; a economia chinesa a mesma coisa, com a sua moeda, e isso prejudica os concorrentes. Então nós existimos, enquanto G-20, para colocar isso na mesa e saber o seguinte: qual é o ponto de equilíbrio que nós precisamos ter para que o presidente Obama se sinta confortável com a política americana, para que o presidente Lula se sinta confortável com a política brasileira, e que a presidenta Cristina se sinta confortável com a Argentina, e assim por diante? Tem que ter um mínimo de conforto, e isso só será possível se houver equilíbrio. Não pode cada um tentar resolver só o seu problema, sem levar em conta os reflexos na política dos outros países.

_____ : (incompreensível), O Estado de São Paulo.

Jornalista: Presidente, o senhor falou que o ideal seria não permitir que os países tomem, de maneira unilateral, decisões que podem afetar os demais



países. O senhor acha que tem que haver... os países têm que reduzir o seu espaço de soberania doméstica na definição das suas políticas internas? Deve haver uma coordenação maior? E se essa sua sugestão, se ela estivesse em vigor, ela se aplicaria à questão do *quantitativising* dos Estados Unidos, ou seja, os Estados Unidos teriam que consultar o G-20 antes de tomar uma decisão desse tipo?

Presidente: Primeiro, ninguém quer diminuir a soberania de nenhum país. O que nós queremos é o seguinte, e vou repetir aqui: na medida em que a economia mundial está globalizada, que nós já temos regras mais ou menos consensuadas entre os países do mundo inteiro na Organização Mundial do Comércio... Nós já temos muitas regras que são consenso, ou seja, nós não poderemos sobretaxar nenhum produto que entre no Brasil acima de 35% – esse é o limite estabelecido pela Organização Mundial do Comércio – e essa regra vale para nós e vale para os Estados Unidos, vale para nós e vale para a China. Na medida em que nós estamos numa economia muito dependente uns dos outros – e todos nós queremos continuar crescendo, exportando mais e importando –, é preciso que a gente, ao tomar as decisões que a gente toma, a gente discuta, no G-20, os reflexos disso na economia dos outros países. Não apenas dos que estão no G-20 mas, sobretudo, nos países que não participam do G-20, que são os países menores. Nós não poderemos, enquanto as maiores economias do mundo, tomar decisão apenas pensando em nós, aqui no G-20, sem levar em conta os reflexos que isso possa trazer em outros países que não estão aqui, que são menores, de economia mais frágil. Porque não é... o G-20 não é para cada um se salvar, cada um por si só e Deus por todos. Não. É todos por todos e Deus por todos. Somente assim é que vai dar certo, somente assim é que vai dar certo.

O que nós temos como cartão de visita da política brasileira é que nós fizemos aquilo que entendíamos que todo o mundo deveria fazer: nós geramos



mais empregos. Este ano, até setembro, o Brasil está gerando... gerou 2,2 milhões novos empregos com carteira assinada. Nós estamos tendo o maior... o menor desemprego da série histórica no Brasil. Nenhum de vocês jamais imaginou que pudesse ser divulgado que o Brasil tem, nacionalmente, 6,2% de desemprego. Isso era considerado, dez anos atrás, emprego total no mundo desenvolvido. Hoje nós temos regiões metropolitanas com 4,1[%] de desemprego no Brasil. Então, nós fizemos a lição. Vocês estão lembrados que eu fui para a televisão pedir para o povo comprar, dizendo para o povo que se ele não comprasse, aí, sim, que ele ia perder o emprego dele, aí que a economia ia ficar ruim. O povo foi ao consumo, nós colocamos dinheiro para crédito. Então, é isso que nós queremos que os outros países façam, ou seja, tentar equilibrar a sua economia interna com a necessidade de expandir o comércio mundial.

Por isso é que eu ligo muito o G-20 com a Rodada de Doha. A Rodada de Doha esteve muito próxima de ser concretizada em 2008, ela paralisou por conta de eleições. E nós não podemos deixar de compreender que somente com o aumento do comércio é que a gente pode resolver o problema da crise.

_____: Adriana Araújo, da Record.

Jornalista: Olá, boa noite, Presidente. Bom, o senhor falou que o ponto de equilíbrio é o ideal, o mundo de todos para todos, todos por todos, mas a gente sabe que, via negociação, isso leva tempo, os resultados podem demorar, e o Brasil já chega ao G-20 com a moeda mais valorizada, com as exportações brasileiras perdendo competitividade, sobretudo da indústria. Então, eu queria saber do senhor as medidas concretas que o Brasil pode adotar em sua economia para reduzir os danos ou evitar os danos dessa guerra cambial. Quais são as medidas concretas que o Brasil deve tomar? É para agora, imediatamente, ou para o próximo governo? Por favor.



Presidente: Olha, eu acho que o Brasil já está tomando as medidas que tinha que tomar. Veja, o Brasil não tem que ter medo, não tem que ter medo de fomentar, cada vez mais, o comércio internacional. Nós temos ainda superávit comercial de aproximadamente US\$ 15 bilhões este ano. Nós temos condições de exportar mais no ano que vem, na medida em que a economia do mundo se recupere. Você só pode vender se a economia do mundo estiver recuperada. Ora, por que o Brasil está comprando mais? Porque a economia brasileira cresceu, porque o povo brasileiro está ganhando um pouco mais. Então, o Brasil adquiriu condições de comprar mais, inclusive bens de capital, porque as empresas estão investindo em novas tecnologias, em novas maquinarias, para poder aumentar a produção.

Agora, o que nós queremos é que se todos os países tiverem a mesma postura que teve o Brasil e que tiveram outros países emergentes, e todo mundo voltar a comprar, todo mundo volta a vender, e aí você volta a ter um equilíbrio na balança comercial.

Eu desconfio, Guido, que os Estados Unidos têm, hoje, o maior superávit deles, em todo o mundo, com o Brasil. Então, o presidente Obama tem que saber disso, que o maior superávit dos Estados Unidos hoje, no mundo, é com o Brasil. O que nós queremos é reciprocidade, que passem a comprar um pouco mais para que haja um equilíbrio na balança comercial de todos os países.

Então, as medidas nossas são as seguintes: primeiro, acompanhar o crescimento do comércio. Para nós, em vez de tentarmos bloquear o crescimento do comércio, nós temos que trabalhar mais para fomentar mais comércio. Essa vai ser uma tarefa extraordinária que o próximo governo vai ter no próximo período, ou seja, viajar mais, fazer mais negócios, colocar os ministros para viajarem mais, colocar os empresários para viajarem mais e vender mais. A gente não venderá se a gente ficar em Brasília chorando



porque não está vendendo. Nós temos que colocar os nossos produtos como se fossem... em uma mochila e ir vender lá fora, para a gente poder continuar fomentando o comércio. É isso que vai fazer as economias do mundo inteiro crescerem.

Jornalista: Presidente, (incompreensível) pergunta da Adriana (incompreensível) se referia, basicamente, à questão da valorização do real, não à de (incompreensível) comerciais propriamente, não é? Mas o seu governo vai tomar medidas em relação à valorização do real ou vai deixar para o próximo governo?

Presidente: Deixa eu lhe falar uma coisa, querido. Nós temos um câmbio flutuante, e eu vou repetir aqui uma coisa que a gente dizia em 2003, 2004, 2005, 2006: a desgraça do câmbio flutuante é que ele flutua, para cima e para baixo. Ninguém está me pedindo, aqui, que faça um câmbio fixo, de dizer que o dólar agora vai valer R\$ 3,00. Não vamos fazer, vai continuar flutuante. O que nós queremos é que os Estados Unidos valorizem a moeda deles e não desvalorizem, como estão desvalorizando hoje, para que a moeda deles não fique inflando os mercados dos países emergentes.

Jornalista: (incompreensível)

Ministro Guido Mantega: Se me permite, Presidente, as medidas que nós tomamos agora, elas impediram a valorização do real. No último mês, a partir das medidas que nós tomamos, o real é uma das moedas que menos se valorizou. Chegou até a se desvalorizar em relação ao dólar. Então, nós estamos tomando medidas eficientes, talvez não tudo o que nós desejaríamos, porém, elas seguraram a valorização do dólar. Há outras moedas que se valorizaram mais do que nós, por exemplo, a moeda japonesa, a moeda



australiana, a canadense etc. Então, medidas foram tomadas e há resultados positivos. É claro que se continuar a se persistir nessa direção, nós tomaremos outras medidas porque nós não permitiremos que o real se valorize em relação ao dólar, de modo a prejudicar as exportações brasileiras.

Jornalista: Quais medidas... E quais seriam as medidas?

Presidente: Gente, em política econômica... Veja bem, em política econômica... eu não vou falar pelo Guido, aqui, porque algumas coisas vão ser tomadas... mas em política econômica, você não pode ficar anunciando o que vai fazer, o que seria um despropósito até, do ponto de vista da credibilidade do governo. O dado concreto é o seguinte: neste momento nós estamos menos preocupados com as medidas que nós temos que tomar para valorizar ou para desvalorizar o real, e mais com as medidas que os americanos têm que tomar para valorizar o dólar.

Jornalista: Presidente, e a China (incompreensível)? O senhor falou que o Brasil tem um câmbio flutuante, mas (incompreensível).

Presidente: Pois é, a nossa briga no G-20 é tentar discutir com a China e com os Estados Unidos, ver se a gente encontra uma solução adequada para isso. Não dá para continuar do jeito que está, com esse desequilíbrio cambial, não dá. Agora, é importante que o problema se apresente e que a gente tenha a reunião do G-20. A cada dia vai aparecer um problema que, possivelmente, não era o problema que nós tínhamos dois anos atrás. Na medida em que se apresenta, nós vamos discutindo e vamos aperfeiçoando, até que a gente tenha, nessa economia globalizada, uma política correta que possa ter conforto na política cambial em todos os países.



_____ : O Presidente está ficando sem tempo, gente. Uma pergunta rápida, por favor. Patrícia.

Jornalista: Presidente, mas os Estados Unidos estão sendo criticados desde que falaram na injeção de 600 bilhões na economia, e, no entanto, não dão sinais de que vão recuar. O que o governo, por exemplo, e o G-20 podem fazer para pressionar? O Ministro falou ontem na possibilidade de uma cesta de moedas para substituir o dólar como principal moeda, tanto de reservas quanto de transações comerciais. O senhor acha que isso é uma coisa válida? O que o governo pode fazer – o brasileiro e os outros – para tentar pressionar os Estados Unidos a voltarem atrás?

Presidente: Veja, eu acho que não se trata apenas de pressionar os Estados Unidos, essas coisas não funcionam assim. Os Estados Unidos tomaram as medidas que tomaram em função da realidade da política americana ou da visão que eles têm. Nós vamos respeitar isso. Agora, ao mesmo tempo, vamos chamá-los à responsabilidade de que isso, por si só, traz prejuízos a outros países. Nós, desde o ano passado, estamos discutindo com vários países, sobretudo com os BRICs, a possibilidade de fazer comércio nas nossas moedas sem precisar ter o dólar como moeda intermediária. Isso, teoricamente, é fácil de falar. Mas, na prática, as pessoas estão tão acostumadas a trabalhar com o dólar, que as pessoas têm medo de fazer algo novo. Então, é um trabalho de convencimento, é um trabalho que os nossos ministros da Economia, que os nossos bancos centrais vão trabalhando e convencendo as pessoas de que existe outra maneira de você tomar decisões.

Veja, o dólar... é preciso tomar cuidado, porque toda vez que a gente fala isso os americanos ficam preocupados, porque... eles ficaram preocupados quando foi criado o euro, porque achavam era uma moeda para substituir o dólar; quando a gente propôs a necessidade de fazermos troca nas moedas,



como Brasil e Argentina estão fazendo, eles ficam preocupados, porque é a substituição do dólar. O dado concreto é que o dólar não pode continuar sendo a única moeda referência, se ele é feito por um único país. Não é mais o ouro que é o padrão, é o dólar. Então, é preciso que tenha outras possibilidades de referência, até porque países que têm altas reservas como a China, como o Brasil, nós ficamos dependendo da política de um país de valorizar ou não as nossas reservas. Então, essa é uma discussão que tem de ser feita. Podem os Estados Unidos não gostarem? Pois nós temos que fazer essa discussão. Temos que fazer, porque nós temos que pensar... da mesma forma que os americanos gostam de pensar neles, nós precisamos pensar no Brasil e defender os interesses do Brasil, do comércio brasileiro e da moeda brasileira.

Pronto, gente.

_____: Muito obrigado a todos.

Presidente: É porque eu estou com 16 horas de defasagem na minha cabeça, aqui.

Jornalista: Presidente, só mais uma. A última, Presidente, a última.

Presidente: Gente, eu estou atrasado, estou atrasado. Fica para amanhã um pouco, para amanhã.

Jornalista: O senhor fala aqui, com a gente?

_____: Fernando Duarte, amanhã (incompreensível)

Presidente: Se eu não falar... Você não perguntou, não é, Fernando?



Jornalista: Pois é.

Jornalista: Só uma...

Presidente: Porque o Guido foi muito sucinto.

Jornalista: Não, eu só queria saber (incompreensível) meio de semana, como é que vai ser o churrasco do começo de janeiro. O que o senhor vai fazer, quais são os planos? Está todo mundo querendo saber, até os (incompreensível)

Presidente: A única coisa que...

Jornalista: (incompreensível) Essa é a última reunião (incompreensível). Como é que o senhor está se sentindo (incompreensível)

Presidente: Você é que pensa que é entre os grandes, a última reunião. E quando for lá no sindicato, em São Bernardo, fazer uma reunião? Com os “grandes!” ...

Jornalista: É um pouquinho diferente, Presidente...

Presidente: Nada, nada. É a mesma coisa, querida. Falar uma coisa para vocês: eu acho que o grande compromisso que eu tinha, depois de concluir o meu mandato, era eleger a minha sucessora. Eu acho que isso está feito. Agora, a mim, faltando um mês e meio, só cabe torcer para que a companheira Dilma monte o melhor governo possível e que ela possa ter muito mais sucesso do que eu tive no meu governo. Ela, certamente, tem um potencial extraordinário. O Brasil está muito mais preparado do que estava em 2002.



Então, eu estou tranquilo, porque o G-20 nem sentirá falta do presidente Lula, porque ela vai fazer muito mais bonito. É isso.

Jornalista: Obrigada.

Presidente: Tchau. Até amanhã, gente.

(\$31DGJLQ)